

**O TRADUTOR “INVISÍVEL” POR ELE MESMO:
PAULO HENRIQUES BRITTO ENTRE A HUMILDADE E A ONIPOTÊNCIA¹**

ROSEMARY ARROJO
(UNICAMP)

ABSTRACT

In a recent interview published by *Folha de São Paulo*, Paulo Henriques Britto, one of our most prolific translators of literature, talks about his craft and defends his brand of translation ethics: “when we are translating, we have to give up the notion of authorship. If I think that the book is badly written, I try to write it [in Portuguese] in the worst possible manner. The translator has to be modest, but talking about modesty is very hard these days.” Britto refers to some trends in contemporary translation studies which defends the authorial participation of translators in the rewriting of the original, proposing a reevaluation of all the common places which have underestimated translation’s pivotal role in the formation of cultural identities. As I try to show in my discussion of Britto’s ideas, no matter how hard he tries to be “invisible” in the work he does as a translator, such work will always reveal his interpretation of the original, his particular choice of words, his world view, his circumstances. In a nut shell, as Maurício Santana Dias, his interviewer, puts it, Britto is inevitably “responsible for the Brazilian accent with which Thomas Pynchon, John Updike, V. S. Naipaul and Salman Rushdie”, among others, end up having in the Brazilian versions of their novels. As Britto denies such a “responsibility,” it is possible to argue that what he calls “modesty” is in fact a desire for the absolute control of his authors’ texts and meanings.

Nunca se escreveu nem se discutiu tanto sobre o ofício dos tradutores, principalmente sob a proteção dos limites respeitáveis da reflexão acadêmica e das instituições universitárias. Já é quase um lugar comum, por exemplo, a lembrança, neste tipo de texto, da conhecida declaração otimista de Susan Bassnett e André Lefevère no primeiro parágrafo do *General Editor’s Preface* que abre os vários volumes da série especialmente dedicada à tradução que organizaram para a Routledge: “O crescimento dos estudos da tradução como disciplina independente é uma história de sucesso da década de 1980. O assunto tem se desenvolvido em muitas partes do mundo e, claramente, continuará a se desenvolver no próximo século” (cf., por exemplo, Gentzler 1993, minha tradução).

Entre nós, ecos desse “sucesso”, embora apenas raramente associado a uma disciplina específica, também têm se manifestado com uma certa insistência: mesas-redondas sobre o tema em eventos dedicados aos estudos da linguagem; congressos especialmente dedicados à tradução; publicações de livros e artigos em revistas acadêmicas; criação de periódicos voltados exclusivamente para a questão, como *Tradterm* e *Cadernos de Tradução*; abertura de novos cursos de graduação para a

¹ Este trabalho é parte de um projeto de pesquisa patrocinado pelo CNPq (ref. 304543/89-6 RN).

formação profissional de tradutores; e uma presença cada vez mais sentida da tradução e suas relações com outras áreas dos estudos da linguagem em programas de pós-graduação. Além do mais, parte considerável dessas discussões e publicações acusa, no mínimo, um certo reconhecimento da influência do pensamento pós-estruturalista, pós-moderno, ou anti-essencialista, sobre a reflexão acerca da tradução e sua íntima relação com as circunstâncias de quem traduz, tendência que tem marcado, por exemplo, as pesquisas realizadas junto ao Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada do Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP², interessadas, sobretudo, numa revisão dos grandes clichês que sempre diminuíram e marginalizaram a tradução como fenômeno lingüístico e como atividade profissional.

Infelizmente, apesar de ter se tornado academicamente visível e de explicitamente propor que se reexaminem as bases epistemológicas que têm sustentado um certo menospreszo em relação aos tradutores e seu trabalho e suas implicações abrangentes e frequentemente negativas para sua profissionalização, essa reflexão anti-essencialista não tem conseguido penetrar a resistência que o senso comum e os próprios tradutores insistem em manter a qualquer convite para pensar a questão a partir de outra perspectiva. Assim, o senso comum e boa parte dos tradutores continuam a repetir, sem aprofundar criticamente, os grandes chavões que subestimam o alcance e o impacto do trabalho tão fundamental que realiza qualquer tradução minimamente adequada. Nesse sentido, é exemplar um texto recente publicado pela Folha de São Paulo, “As Aspas da Tradução”, entrevista com Paulo Henriques Britto, “um dos mais atuantes tradutores do país, responsável pelo ‘sotaque’ brasileiro de Thomas Pynchon, John Updike, V. S. Naipaul e Salman Rushdie”, entre outros, além de professor de tradução literária na PUC do Rio de Janeiro (Dias 2000: 30).

No texto que introduz a entrevista, Maurício Santana Dias deixa claro, ao esboçar uma caracterização geral da tarefa tradutória, que todos os clichês que o senso comum associa à profissão permanecem praticamente os mesmos. O primeiro parágrafo já posiciona o tradutor e a tradução numa posição peculiarmente marginal:

Ao contrário do que ocorre com outras profissões, ninguém nasce pensando: “Vou ser tradutor”. Paulo Henriques Britto, 48, não é uma exceção. Tornou-se tradutor profissional um pouco por acaso, outro tanto por pragmatismo e em grande parte pelo prazer da literatura. Hoje ele é um dos mais atuantes tradutores da língua inglesa no país, responsável pelo “sotaque” brasileiro de autores como Henry James e Don DeLillo, Lord Byron e V. S. Naipaul, Wallace Stevens e Salman Rushdie. (Ibidem)

Como a grande maioria dos tradutores e, sobretudo, dos tradutores bem-sucedidos, Britto construiu uma trajetória profissional que começou sem uma direção e sem um plano pré-estabelecidos: em meados dos anos 70, “abandonou a idéia de fazer cinema, graduou-se em letras e ajudou a fundar uma associação de tradutores, junto com Paulo Rónai e Magalhães Jr.: ‘Eu, com o cabelo nas costas, me sentia completamente deslocado no meio daqueles velhinhos’” (ibidem). E, exatamente como “aqueles velhinhos”, ainda encara o ofício que por acaso acabou escolhendo, como uma mescla de dificuldades e de falta de reconhecimento, apesar de cada vez mais promissor:

² Entre os trabalhos publicados nos últimos dois anos associados a essas pesquisas, ver, por exemplo, Arrojo 1998, Arrojo 1999, Arrojo 2000, Chesterman & Arrojo 2000, Frota 2000, Rodrigues 1999.

“Embora reconheça que a tradução é tarefa espinhosa e quase sempre ingrata – quando o trabalho é bom, poucos percebem, quando é ruim, todos gritam – ele afirma que o campo de trabalho não pára de crescer e que a propalada automatização da tradução, pelo menos da literária, é pura balela” (ibidem). É nesse contexto que se inicia a entrevista, que gira em torno do argumento central defendido por Britto: “para traduzir, é preciso renunciar à idéia de autoria: ‘O tradutor é um autor entre aspas. Para traduzir, é preciso antes de tudo humildade’ ” (ibidem).

O teor de sua declaração se torna mais claro quando Britto responde à última pergunta da entrevista: “Qual a sua escola de tradução?”:

Na verdade, não sou um estudioso de teoria da tradução, embora esteja a par das discussões mais recentes. Hoje há uma corrente muito forte, liderada pelo americano Lawrence Venuti – ótima pessoa e um estudioso brilhante, mas com quem não concordo em quase nada –, que defende que o tradutor é uma espécie de categoria oprimida, como os negros e os homossexuais, quando na verdade ele é tão responsável pelo texto final quanto o autor. A saída proposta por ele é que o tradutor deixe de ser “transparente” e imprima sua marca autoral no texto traduzido. Estou mais de acordo com a posição do australiano Anthony Pym, para quem o lugar de afirmação do tradutor é o prefácio, são as notas, as entrevistas etc. No momento em que estamos traduzindo, temos de abrir mão da idéia de autoria. Se eu acho que o livro está mal escrito, tento escrever o pior possível. Enfim, o tradutor tem de ser humilde, mas falar de humildade nos tempos de hoje é difícil. (Dias 2000: 31)

Paulo H. Britto destaca o trabalho de Lawrence Venuti, conhecido principalmente por sua reflexão acerca das principais implicações da invisibilidade que a tradição tem exigido dos tradutores e de seu trabalho. Em livros e ensaios³, o teórico e tradutor norte-americano tem explorado essas implicações e estimulado os tradutores em geral a se conscientizar de sua inevitável visibilidade e das responsabilidades inerentes à interferência que imprimem às traduções que realizam. Apenas como exemplo do discurso de Venuti, transcrevo abaixo minha tradução de parte do parágrafo que inicia a introdução ao primeiro livro do teórico e tradutor que, apropriadamente, inclui uma epígrafe (“O tradutor é um escritor cuja singular originalidade se encontra no fato de que ele parece não crer que tenha nenhuma”), retirada de uma tradução de um texto de Maurice Blanchot (1967/1990):

A tradução continua a ser uma prática invisível, em todos os lugares ao redor de nós, inescapavelmente presente, mas raramente reconhecida, quase nunca incluída nas discussões sobre as traduções que todos inevitavelmente lêem. Essa eclipse do trabalho do tradutor, do próprio ato de tradução e de sua mediação decisiva da escritura estrangeira, é o lugar de determinações e efeitos múltiplos – lingüísticos, culturais, institucionais, políticos. Mas, em primeiro lugar, devemos lembrar que os próprios tradutores se encontram entre os agentes de sua existência espectral. Ser um tradutor de sucesso hoje é produzir traduções que são muito bem-sucedidas, resenhadas favoravelmente, e detentoras de prêmios, mas também significa uma quantidade considerável de trabalho, executando inúmeros projetos [...] Os tradutores sempre trabalham duro, mas produzem traduções, não comentários sobre traduções, crítica, ou teoria. Parecem amadores esteticamente sensíveis ou artesãos talentosos, mas nunca escritores auto-conscientes e críticos que desenvolvem uma percepção aguda das condições culturais e sociais de seu trabalho. O tradutor contemporâneo é um híbrido paradoxal, ao mesmo tempo um diletante e um artesão. (1992: 1)

³ Ver, por exemplo, Venuti 1992, 1995 e 1998.

É apropriado notar como o breve perfil de Paulo H. Britto esboçado na entrevista da Folha parece se encaixar na descrição também breve que Venuti elabora no texto citado. O jovem Britto que, “em meados dos anos 70”, “abandonou a idéia de fazer cinema, graduou-se em letras e ajudou a fundar uma associação de tradutores” e que, com certeza, não nasceu pensando em ser tradutor, começou, certamente, a traduzir como um verdadeiro diletante:

Antes de me profissionalizar, traduzia por puro gosto. Até que um dia a sorte me deu um empurrão. Soube que a Brasileira estava precisando de tradutor e então escrevi uma carta em que mencionava meu interesse e dizia que já tinha um romance traduzido, de Nathanael West, “Miss Corações Solitários”. Por coincidência, eles tinham acabado de comprar os direitos do livro e terminaram publicando o meu trabalho. (Dias 2000: 30)

E, hoje, apesar de tradutor de sucesso, “um dos mais atuantes” do país, “responsável pelo ‘sotaque’ brasileiro” de tantos autores de língua inglesa, é, ainda, um trabalhador de longas horas, quase braçal, que sofre, fisicamente, as conseqüências da quantidade considerável de textos que traduz. Ao responder à pergunta “Como é a rotina de um tradutor?”, Britto deixa claro que não é exatamente fácil a vida do tradutor que o senso comum associa à invisibilidade e, portanto, merecedor de uma remuneração ditada pela quantidade de palavras, ou páginas traduzidas, não importando, inclusive, quão bem-sucedido seja:

Nos dias em que não dou aula, acordo às 7h e começo a trabalhar por volta das 8h30. Às 12h30, paro, almoço, dou uma caminhada [...] e volto ao trabalho lá pelas 15h, daí até 20h. Essa rotina tem seu preço: vivo sob a ameaça da LER (Lesão por Esforço Repetitivo), causada pelo excesso de digitação. Para tentar escapar do problema já tentei de tudo. Hoje eu faço pequenas interrupções a cada 50 minutos de trabalho contínuo. [...] Além disso, tenho sessões periódicas de massagem. (Ibidem)

O tradutor, que trabalha, provavelmente, por empreitada, tem que produzir um certo número de páginas traduzidas todos os dias, qualquer que seja a dificuldade do texto. Ao ser indagado a respeito de sua produtividade, Britto comenta:

[Minha produtividade] varia conforme o autor que estou traduzindo. O livro de Pynchon (“O Arco-Íris da Gravidade”), por exemplo, era muito complicado. Traduzia poucas páginas por dia. Agora, quando se trata de um livro standard, como os de um Updike, numa boa manhã faço umas dez laudas. Mas o trabalho não acaba aí. Depois da versão inicial, há o cotejo linha a linha com o texto fonte. Só então faço a revisão final. [...] A grande descoberta de minha vida foi quando comecei a fazer o cotejo após cada capítulo. Antes, fazia do livro inteiro de enfiada – era insuportável. Na época da máquina manual, então, era um inferno. Era preciso redatilografar o trecho e emendá-lo no original com fita adesiva. (Dias 2000:31)

Finalmente, também como o tradutor típico descrito por Venuti, Britto não é “um estudioso de teoria da tradução” e, “embora esteja a par das discussões mais recentes”, parece rejeitar qualquer proposta que tente rever as relações tradicionalmente aceitas, e quase nunca criticamente examinadas, entre tradução e original, tradutor e autor. Assim, o tradutor quer continuar a ter a ilusão de que pode permanecer invisível no trabalho que tanto se empenha em realizar. Rejeita Venuti ou, mais especificamente, rejeita todo

o pensamento fundamental de Venuti – e, obviamente, também a vertente pós-estruturalista que inspira esse teórico -- atendo-se apenas a uma conclusão possível a partir de alguns trechos dos textos do norte-americano, conclusão essa que autoriza a noção de que seja viável, para o tradutor, optar entre a “transparência” e a “visibilidade” e imprimir, ou não, “sua marca autoral no texto traduzido”, o que contraria, inclusive, boa parte dos argumentos defendidos por Venuti⁴. Mais do que isso, declara seu apoio à posição tradicionalmente confortável de Anthony Pym, que também crê na possibilidade da invisibilidade como opção consciente do tradutor e propõe que este se manifeste apenas nos prefácios, nas notas, nas entrevistas, etc. (ibidem).

Coerentemente, Britto descreve sua prática e sua relação com os textos e os autores que traduz como uma colaboração absolutamente fiel, em que o que importa é o que o autor, ou o texto, teria realmente querido dizer. Assim, ninguém estaria mais autorizado a auxiliar o tradutor do que o próprio autor do texto, cuja atenção é valorizada quase como uma homenagem que concede àqueles que se esforçam para traduzir seus textos. Britto descreve sua correspondência com um de seus autores, por exemplo, nos seguintes termos:

O Pynchon é uma figura folclórica, não dá entrevista a ninguém e dele se sabe muito pouco. O livro era difícil, um romance extraordinário e muito complexo, cheio de referências as mais diversas: numa hora ele cita Proust, noutra, Pernalonga. Eu já tinha perdido as esperanças de poder contar com a ajuda dele e estava assustado com a tarefa que tinha pela frente. Mas, para meu espanto, ele foi a pessoa que mais me ajudou até hoje. Ficamos 11 meses nos “falando” por fax (Pynchon não usa e-mail). Embora a gente falasse quase exclusivamente dos problemas da tradução – o esclarecimento de uma referência, de uma passagem mais obscura, de termos técnicos --, descobri que Pynchon vive em Manhattan e é casado com a sua agente literária. Como ele não se deixa fotografar, ninguém o conhece. Tenho montes de fax enviados por ele, alguns com mais de oito páginas, todos datilografados em máquina elétrica. Ele me esclareceu muitos pontos, foi simpaticíssimo. Mas, mesmo assim, tive de incomodar muita gente, especialistas em diversas áreas: o bom tradutor é antes de tudo um chato. (Ibidem)

Entretanto, como qualquer tradutor, que tenha, ou não, como meta e como princípio ético a transparência, ou a invisibilidade, Britto inescapavelmente deixa nos textos que traduz as marcas de seu “sotaque brasileiro”, como nos informa seu entrevistador (e, talvez, leitor), Maurício Santana Dias. E esse “sotaque brasileiro” é, inegavelmente, também o sotaque carioca de Paulo Henriques Britto, um sotaque típico de sua geração, de suas circunstâncias, um sotaque que, ao se incorporar aos textos que traduz também os marca com os sinais de seu tempo, sinais esses que se tornarão, sem dúvida, cada vez mais evidentes, sobretudo com o passar dos anos, até que sejam tão visíveis, ou tão audíveis, que outras traduções dos mesmos textos terão que ser feitas, estas também, provavelmente, tentando uma fidelidade cega ao original que, por sua vez, também será apenas uma fidelidade a uma determinada leitura, inevitavelmente datada e inevitavelmente marcada pelo sotaque daqueles que a perseguirem.

Por mais que se empenhe, Paulo H. Britto não poderá realmente seguir as recomendações de Anthony Pym e “aparecer” apenas nas entrevistas, nas notas, ou nos prefácios associados aos textos que traduz. As escolhas que necessariamente tem que

⁴ Para uma discussão acerca dessa conclusão problemática de Venuti, ver, por exemplo, Arrojo 1997 e Frota 2000, particularmente o Capítulo II, “Lawrence Venuti e a teoria da (in)visibilidade do tradutor”.

fazer ao traduzir cada palavra do texto estrangeiro trarão o peso de sua reflexão, de sua experiência, da bagagem cultural e literária cada vez mais rica que vem acumulando, além de sua sensibilidade de intérprete, mesmo que conte com valiosos esclarecimentos do próprio autor do original. Paradoxalmente, ao supor que lhe seja possível optar por não imprimir “sua marca autoral no texto traduzido”, Britto não estaria sendo exatamente “humilde”, como pensa e como recomenda. Na verdade, ao imaginar poder optar entre deixar, ou não, de interferir no original, não estaria o tradutor sonhando com uma onipotência sobre-humana que pudesse defendê-lo, e a seu trabalho, de suas circunstâncias sociais, temporais, psicológicas e ideológicas, e imortalizar suas traduções como versões definitivas do texto estrangeiro? O tradutor que se autodefine como um mero autor entre aspas, não estaria agindo, na verdade, como um autêntico autor sem aspas, que ambiciona a posse definitiva do significado que elege como adequado, correto, ou, quem sabe, absolutamente “fiel”? Não residiria a verdadeira humildade de qualquer tradutor precisamente em reconhecer a mortalidade e a finitude de seu trabalho e, portanto, em aceitar o fato inescapável de que, ao tocar o texto estrangeiro e ao tentar reescrevê-lo em sua própria língua, também o reelabora com o seu sotaque e, portanto, dele se apropria, ainda que tenha como única meta consciente a recuperação total daquilo que supostamente tenha dito e escrito o autor do original?⁵

Se aceitarmos que a invisibilidade não é uma opção possível para a prática da tradução, teremos que reconhecer também que a responsabilidade profissional do tradutor certamente transcende o alibi freqüentemente reivindicado da mera fidelidade ao original e seu autor. Em primeiro lugar, teremos que rever os princípios éticos que têm -- formal e informalmente -- regido essa atividade. Não será tão fácil, por exemplo, para nenhum profissional da tradução, “abrir mão da idéia de autoria”, como recomenda Paulo H. Britto. Ainda que seja um autor “entre aspas”, o tradutor consciente de sua visibilidade terá que avaliar cuidadosamente as conseqüências de seu trabalho e de suas escolhas. Não será tão simples, por exemplo, sugerir, que se o texto a ser traduzido “está mal escrito”, a tradução deverá ser escrita, também, da pior forma possível (Dias 2000: 31). Voltando ao texto de Venuti citado acima, poderíamos concluir que os tradutores que deixarem de negar sua visibilidade e sua responsabilidade autoral estariam prontos para assumir seu papel de “escritores auto-conscientes e críticos que desenvolvem uma percepção aguda das condições culturais e sociais de seu trabalho” (1992: 1). Esse papel pode não ser, sempre, tão conveniente quanto a ilusão de transparência, particularmente quando se despreza o texto a ser traduzido, mas ocupa, sem dúvida, um espaço de maior dignidade profissional.

⁵ A propósito, não posso deixar de me referir, uma vez mais, ao texto que, apesar de sua brevidade e economia, me parece propor a mais sábia e a mais completa reflexão já elaborada sobre a tarefa e a psicologia do tradutor, particularmente daquele que insiste em ser absolutamente invisível e fiel: “*Pierre Menard, autor del Quijote*”, de Borges. Nenhum outro texto é tão eficiente em mostrar como as noções de transparência e de isenção na tradução, ou na leitura em geral, que, para o senso comum e para a tradição, parecem tão sensatas e adequadas, na verdade, mascaram um sonho fantástico de imortalidade e controle absoluto. Ver, a propósito, Arrojo 1993, pp. 151-176; 1999a, pp. 11-22; e 2000a.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARROJO, R. (1993). *Tradução, Desconstrução e Psicanálise*. Rio de Janeiro, Imago.
- _____. (1997). "The 'Death' of The Author and The Limits of the Translator's Visibility". Snell-Hornby, M. e outros (orgs.), *Translation as Intercultural Communication*. Amsterdã & Filadélfia, John Benjamins.
- _____. (1998). "The Revision of the Traditional Gap between Theory & Practice & the Empowerment of Translation in Postmodern Times". *The Translator*, vol. 4, number 1, April, 25-48.
- _____. (1999). "Interpretation as Possessive Love: Hélène Cixous, Clarice Lispector and The Ambivalence of Fidelity". Bassnett, S. e H. Trivedi (orgs.), *Post-Colonial Translation – Theory and Practice*. Londres e Nova York, Routledge.
- _____. (1999a). *Oficina de Tradução – A Teoria na Prática*. São Paulo, Ática, 4ª edição.
- _____. (2000). "Algumas Relações entre Marginalidade e Prescritivismo: A Tradução e o Tradutor como Objetos de Pesquisa". *Estudos Linguísticos XXIX*, GEL, São Paulo, v. 29, 43-51.
- _____. 2000a. "Borges e a Maldição de Babel: Escritura, Interpretação e Conflito". Jorge Schwartz (org.), *Borges – 100 Anos*. No prelo.
- BLANCHOT, M. (1967/1990). "Translating", trad. de Richard Sieburth. *Sulfur*, 26, 82-86.
- BORGES, J. L. (1956). "Pierre Menard, autor del Quijote". *Ficciones*. Madrid, Alianza Editorial.
- CHESTERMAN, A. & ARROJO, R. (2000). "Shared Ground in Translation Studies". *Target – International Journal of Translation Studies*, vol. 12, number 1, 151-160.
- DIAS, M.S. (2000). "As Aspas da Tradução". *Suplemento Mais!, Folha de São Paulo*, 27 de fevereiro, 30-31.
- FROTA, M.P. (2000). *A Singularidade na Escrita Tradutora – Linguagem e Subjetividade nos Estudos da Tradução, na Linguística e na Psicanálise*. Campinas, FAPESP, Pontes.
- GENTZLER, E. (1993). *Contemporary Translation Theories*. Londres e Nova York, Routledge.
- RODRIGUES, C.C. (1999). *Tradução e Diferença*. São Paulo, Editora UNESP.
- VENUTI, L. (org.). (1992). *Rethinking Translation – Discourse, Subjectivity, Ideology*. Londres e Nova York, Routledge.
- VENUTI, L. (1995). *The Translator's Invisibility – A History of Translation*. Londres e Nova York, Routledge.
- _____. (1998). *The Scandals of Translation – Towards an Ethics of Translation*. Londres e Nova York, Routledge.